

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

As Universidades precisam ir além do tripé ensino, pesquisa e extensão, para consolidar sua importância para a sociedade. O ensino não é uma atividade exclusiva da Universidade, assim como a pesquisa e a prestação de serviço também não são. O que difere a Universidade de colégios, escolas, centros de pesquisa e serviços assistenciais, a formação de cidadãos com capacidade crítica, competência para decidir com sabedoria e julgar com precisão.

Uma boa Universidade não é aquela que publica grande quantidade de trabalhos, ou atende muitos pacientes e nem mesmo a que tem muitos alunos, mas aquela que forma cidadãos pensantes, críticos, analíticos e participativos da sociedade em que se inserem. A área de formação técnica é uma etapa secundária no processo de graduação desse cidadão.

Deste modo o professor universitário, um importante ator desse processo, deve estar consciente de sua vocação, o que não significa renúncia de vida, sacrifício material ou conformismo com situações de submissão e pobreza, e sim a capacidade de aliar as qualidades de um educador com as de um profissional técnico.

O mundo muda diariamente, uma avalanche de informações é gerada a cada hora, e alunos e professores tem que se adaptar. Não há mais lugar para “aulas tradicionais” e conhecimentos desconectados da realidade, o professor tem que ensinar a localizar, buscar, resgatar e processar as informações. A cabeça do aluno deixou de ser armazém de informações, mas sim de emoções, pensamentos e raciocínios.

Um docente pode ter um ótimo desempenho acadêmico, publicar muitos trabalhos, repassar conhecimentos importantes, treinar e habilitar tecnicamente os alunos, mas a abordagem, a conquista, o estímulo à reflexão e a mudança de comportamento só é possível se o professor universitário tiver prazer em transferir suas experiências, em expor seus pensamentos, colocando-os de forma franca, aberta e passíveis de análise crítica.

O professor universitário deve ser agente de mudança e precisa aceitar o rompimento com os modelos e paradigmas de uma cultura acadêmica ultrapassada e iniciar um novo processo, utilizando uma gama de habilidades relacionadas às relações interpessoais, trabalhando com pró-atividade, comprometimento, abertura às novas ideias, ao diálogo e reformulando valores.

São atitudes primordiais para a sobrevivência das Universidades!

Prof. Dr. Haroldo José Mendes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB